**POSSIBILIDADES E LIMITES DO BEM VIVER NA UNIVERSIDADE: a experiência do Projeto Panhīme**

**Área Temática:** Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Letras.

**Raquel Cassiano dos Santos, UFNT**

**raquel.****santos@ufnt.edu.br**

**Gabriel Francisco Cavalcante Júnior, UFNT**

**gabriel.junior@ufnt.edu.br**

**Maria Victória Lima dos Santos, UFNT**

**maria.victoria@ufnt.edu.br**

**Raimundo Nonato de Pádua Câncio, UFNT,** **raimundo.cancio@ufnt.edu.br**

**Aline Campos, UFNT,** **aline.campos@ufnt.edu.br**

1. **Resumo**

O objetivo deste texto é refletir, a partir do desenvolvimento do Projeto Panhīme, sobre as possibilidades e limites da construção de uma *práxis* alinhada ao paradigma do Bem Viver na Universidade. As reflexões desenvolvidas dialogam com a perspectiva crítica da interculturalidade, do paradigma do Bem Viver, e com os princípios da Educação Popular e Extensão Popular. Apresentamos a experiência no Projeto Panhīme; analisamos a execução e desenvolvimento desse projeto à luz dos princípios do Bem Viver; e correlacionamos a história de origem do povo Apinajé a esse paradigma. Os dados indicam que a relação entre Universidade e aldeias possibilitou relações de partilha de conhecimentos e experiências, rompendo com as estruturas tradicionalistas universitárias. Nessa relação, o Bem Viver se apresenta como uma prática possível, um saber que abrange e acolhe modos de vida e outros conhecimentos, o que fica evidente na história de origem Apinajé, que contribui para revelar a consciência e o Bem Viver Panhĩ.

**Palavras-chave:** Apinajé, Bem Viver, história de origem, universidade, interculturalidade.

1. **Introdução**

Este texto é um relato de experiência sobre o Projeto Panhīme, vinculado ao “Programa de Extensão ConViva! outras relações, outras convivências, outros mundos possíveis”, do Centro de Educação, Humanidades e Saúde da Universidade Federal do Norte do Tocantins (CEHS/UFNT). Estão envolvidos em sua execução discentes dos cursos de Ciências Sociais e Pedagogia, docentes do curso de Pedagogia e professores e lideranças indígenas Apinajé.

O Projeto Panhīme é um desdobramento de uma parceria entre a UFNT e o Núcleo de Animação de Campinas e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), para o desenvolvimento de oficinas de desenho animado com crianças indígenas apinajé, realizadas em dezembro de 2022. A fase inicial, e de estruturação do Projeto Panhīme, partiu da demanda dos professores e crianças indígenas por elaboração de uma animação de maior duração, que contasse sua história de origem, o que foi relatado detalhadamente em trabalho anterior (Santos *et al*, 2023).

Atualmente, o projeto tem concentrado seus esforços para fazer a escuta dos mestres anciãos e anciãs no intuito de reunir diferentes versões da história de origem Apinajé, transmitida de geração em geração. Durante a escuta, a equipe do projeto faz a gravação do áudio e imagem. Posteriormente, a tradução para o português é feita por meio da colaboração de estudantes universitários indígenas falantes da língua apinajé. De posse das traduções, a equipe do projeto efetua as transcrições e com elas têm buscado sistematizar a narrativa em uma versão única a ser utilizada para elaboração do roteiro da animação. Foram realizadas, até o momento, sete das 15 escutas previstas.

 A construção de nossa *práxis* tem se apoiado na perspectiva crítica da interculturalidade (Candau, 2012), bem como no Paradigma do Bem Viver (Acosta, 2016; Sólon, 2019) e nos princípios da Educação Popular (Freire; Nogueira, 1989) e Extensão Popular (Melo, 2014).

1. **Objetivos**

O objetivo geral consiste em refletir, a partir da experiência de desenvolvimento do Projeto Panhīme, sobre as possibilidades e limites da construção de uma *práxis* alinhada ao Paradigma do Bem Viver na Universidade. Os objetivos específicos são: apresentar a experiência do Projeto Panhīme; analisar a execução e desenvolvimento do Projeto Panhīme à luz dos princípios do Paradigma do Bem Viver; e correlacionar a história de origem do povo Apinajé ao Paradigma do Bem Viver.

1. **O que pode uma história indígena na Universidade?**

O Projeto Panhīme tem se organizado em torno da história de origem do povo Apinajé, a história do Sol (Myyti) e Lua (Mytwrýýre). As ações iniciaram com oficinas de desenho animado para crianças indígenas, em seguida passamos a tarefa de reunir diversas vozes anciãs a fim de possibilitar a elaboração de um roteiro para a produção de uma animação que conte essa história. Lemos também essa história em trabalhos acadêmicos (Apinagé, 2017; Nimuendaju,1983). Desde então ela tem estado conosco. Na Universidade, de posse das gravações, ouvíamos novamente a história na companhia de um estudante indígena falante do apinajé enquanto ele a traduzia para o português. Com as gravações traduzidas, os integrantes se dividiram para dar início ao processo de transcrição, e ao término das transcrições elas eram socializadas.

A interação com essa história tem nos feito transitar entre o Ensino, Pesquisa e Extensão numa perspectiva intercultural. O Projeto Panhīme surge com uma ação de extensão de estreito diálogo com as demandas Apinajé. Ao construirmos esses diálogos, descortinamos saberes distintos dos científicos e aprendemos com os conhecimentos e a cultura indígena, ampliando nossa formação no âmbito do Ensino. A sistematização dessas interações e aprendizagens têm nos lançado à Pesquisa. Todos esses processos revelam a potência do envolvimento da Universidade com a narrativa indígena, o qual exige o enfrentamento e a desconstrução das estruturas hegemônicas universitárias.

1. **Um fazer universitário em busca do Bem Viver**

Para Acosta (2016, p. 23), o Bem Viver “apresenta-se como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida” . Ao considerar a impossibilidade de uma definição precisa, Solón (2019) ressalta elementos e dimensões fundamentais ao Bem Viver: mundo entendido como um todo (Pacha); convivência na multipolaridade; busca de equilíbrio; complementaridade da diversidade; e descolonização. Partindo dessas compreensões para analisar nossa experiência no Projeto Panhīme, percebemos que estamos inseridos em uma trama complexa, tecida em meio a potencialidades e desafios para construção de uma *práxis* universitária pautada na articulação entre ensino, pesquisa, extensão e inovação, que se aproxime efetivamente do Bem Viver.

De acordo com Sólon (2019, p. 24), “Pacha tem sentido muito mais amplo, com uma compreensão indissolúvel entre espaço e tempo”, de modo que passado, presente e futuro se interconectam constantemente. Além disso, não há dicotomias entre seres humanos e Natureza. Na experiência com o Projeto Panhīme, nos aproximamos dessa outra percepção e relação com o espaço-tempo e sentimos a diferença em relação ao que estamos habituados a viver. Nos momentos em que estivemos nas aldeias para ouvir os anciões e anciãs, observamos um modo de vida no qual os humanos não são superiores aos demais seres vivos e não vivos. O envolvimento com a narrativa ancestral Apinajé nos inseriu numa convivência com a multipolaridade, assim como de complementaridade da diversidade. Vimo-nos interessados por esses conhecimentos e cultura, aprendemos com ela. Os estudantes indígenas, muitas vezes vistos preconceituosamente como tímidos e quietos, assumiram no âmbito deste projeto universitário relevância essencial, na medida em que suas vozes de intérpretes eram imprescindíveis para o acesso dos demais à essa narrativa. Temos buscado uma *práxis* no Projeto Panhīme que se alinhe cada vez mais ao Bem Viver. No entanto, estamos conscientes dos desafios que são necessários ser enfrentados, uma vez que essa transformação exige um processo de descolonização complexo, que permeia não só o território mas também o nosso próprio ser (Sólon, 2019).

1. **A história do Sol (Myyti) e Lua (Mytwrýýre) à luz do Paradigma do Bem Viver**

O povo Apinajé, além da consciência do pertencimento ao ambiente, busca manter uma relação de respeito, cuidado e proteção, tendo em vista o desenvolvimento coletivo, a manutenção e a preservação da vida. Nesse sentido, as histórias contadas pelos anciãos e anciãs resguardam não apenas a sabedoria ancestral, mas revelam manifestações do espiritual indígena, daquilo que escapa à nossa compreensão mais imediata.

Na história de origem do povo Apinajé fica evidente a relação de pertencimento, cuidado e respeito que esse povo possui para com a natureza. Na versão descrita por Cassiano Apinagé, os diálogos entre Myyti e Mytwrỳyỳre trazem importantes ensinamentos para que o povo Panhĩ (seus filhos) possa viver de forma mais harmoniosa na Terra. Esta relação fica evidente na fala de Cassiano Apinagé (2017), ao relatar que as caças viviam no terreiro de casa, e que para Myyti era melhor que fosse dessa forma, pois quando seus filhos estivessem com fome, eles poderiam pegar no terreiro, matar e comer. Em contraposição, Wytwýýre fez com que as caças se espalhassem, pois entendia que se todas estivessem no terreiro, elas seriam mortas de uma única vez. Assim, “Se estas acabarem, nossos filhos podem vir a comerem-se uns aos outros.” (Apinagé, 2017, p. 247).

Nesta passagem é possível perceber que os Apinajés se distanciam de uma consciência cumulativa, diferente dos não indígenas, que vivem em um sistema capitalista que tem contribuído para a autodestruição da vida humana. Nessa perspectiva, o Bem Viver “recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa” (Acosta, 2016, p. 150).

Em vários trechos da narrativa percebe-se a preocupação coletiva, que se evidencia nos diálogos entre Myyti e Mytwrỳỳre. Em seus diálogos observamos reflexões sobre o que seria e não seria bom para seus filhos: Cupẽ (não indígenas) e Panhĩ. A exemplo disso, o relato da anciã Maria Apinajé narra que embora eles tenham vindo juntos à Terra, os Cupẽ passaram a produzir coisas caras, que muitas vezes os Panhĩ não podem adquirir, provocando uma relação de desequilíbrio entre eles. Segundo a anciã, Sol e Lua orientaram “[...] que nós não criemos raiva da nossa metade, que são os Cupẽ. Nós temos que andar juntos. Nós temos que andar em harmonia, mesmo que ofereçam as coisas que eles produzem caro [...]”.

Para o povo Apinajé, embora haja uma concepção diferente eles e os Cupẽ sobre o modo de vida na Terra, que se revela para estes numa consciência exploratória e cumulativa, os Panhĩ têm seguido na direção do equilíbrio e da manutenção da vida. E nessa perspectiva o Bem Viver apresenta-se como uma resposta à “deterioração ambiental ocasionada pelos padrões de consumo ocidental, e os crescentes sinais de esgotamento ecológico do planeta” (Acosta, 2016, p. 86).

1. **Considerações Finais**

As comunidades indígenas e seus saberes ancestrais são as bases para o desenvolvimento do Projeto Panhīme, que nos ensinam sobre outra possibilidade de realidade de vida e de relação com a natureza e o ambiente.Assim, a relação entre Universidade e aldeias indígenas nos possibilitam experienciar a interculturalidade e relações de partilha de saberes. É perceptível que ao participarmos de diferentes eventos acadêmicos, contribuímos não só para a divulgação científica e extensionista, mas também para um processo de valorização da cultura e dos saberes ancestrais, que rompem com as estruturas tradicionalistas universitárias.

Percebemos, então, o Bem Viver como um paradigma possível e necessário de ser pensado e vivido a partir da Universidade, pois abrange e acolhe outros saberes, outros modos de vida, outra cosmovisão, possibilitando uma relação de maior proximidade entre as diferentes comunidades e seus modos de vida. A história de origem Apinajé revela um conhecimento ancestral que diverge dos Cupẽ sobre o modo de vida na Terra. Enquanto os Cupẽ tendem a seguir uma lógica exploratória e acumuladora, os Panhĩ têm seguido na direção da busca do equilíbrio e da manutenção da vida. Daí dizer que o Bem Viver é também um modo de ser da consciência Panhĩ.

1. **Referências Bibliográficas**

ACOSTA, A.  **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Editora Elefante, 2016.

APINAGÉ, C. S. **Escola, meio ambiente e conhecimentos:** formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé. Dissertação (Mestrado Acadêmico) em Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, TO: UFT, 2017.

CANDAU, V. M. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educação e Sociedade**. Campinas, SP, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso: 12 outubro 2024.

FREIRE, P; NOGUEIRA, A. **Que fazer - teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, 1989.

MELO, J. F. de. **Extensão popular**. 2.ed. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

NIMUENDAJÚ, C. **Os Apinayé**. Belém: MPEG, 1983. 146 p.

SOLÓN, P. (Org.). **Alternativas sistêmicas:** bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

SANTOS, M. V. L. et al. **PANHĨME: NARRATIVAS PANHĨ E OFICINA DE ANIMAÇÃO.** In: Anais TEIA-UFNT 2023, Araguaína-TO, 2024.

# **Agradecimentos**

Ao Programa Institucional Alvorecer/UFNT, aos professores Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé e Cassiano Sotero, ao Núcleo de Cinema de Animação de Campinas/SP, à Unicamp, e às anciãs e anciãos que compartilharam conosco seus conhecimentos sobre sua história de origem.